

# Editorial

Já estamos a passos largos chegando ao final do primeiro decêndio do terceiro milênio. O tempo nada perdoa: nem as pessoas, nem os fatos. O movimento *hippie* dos anos 60 é história. As conquistas da genética já não surpreendem. A informática, que nasceu a partir de máquinas, transformou-se em rede. A informação, o seu armazenamento, controle e distribuição adquiriram foro de poder. A revolução pacífica na formação de novos Estados, comprometidos com a justiça social e os direitos fundamentais do cidadão, substancializada através da constitucionalização do direito, já está se submetendo a uma releitura. Mas o sol, o sol que representa, acima de qualquer outro valor, a vida, continua nascendo todas as manhãs e nascendo para todos. O homem com suas angústias e êxtases é o mesmo homem de 30, 50, 200, 1.000 anos atrás.

O que move essa coisa fantástica que é o cotidiano da vida de cada um de nós e também de todos? A pergunta ou não tem resposta ou não está ela limitada ao espaço destas páginas. Mas nem por isso deixamos de formulá-la, se mais não for, pela sempre saudável provocação do refletir, do repensar, do questionar.

Certamente todos que colaboram direta e indiretamente com a *Direito e Democracia*, cujo volume 9, nº 1, agora vem a público, estão emulados neste constante reviver.

Aos leitores, que são a razão de ser deste periódico, oferecemos os textos que seguem, versando sobre temas que nascem no direito constitucional, alimentam-se da filosofia do direito, trafegam pelos direitos dos indígenas, enfrentam questões de direito internacional, encontram-se com o direito administrativo, respeitam o direito civil, batem à porta do direito do trabalho, curvam-se ao direito penal e ao processo penal, aliam-se à nova hermenêutica, encontrando, entre si, um liame: o da consagração do Direito e da Democracia.

***Elaine Harzheim Macedo***

*Editora*